

NOTAS SÔBRE FOLCLORE

GASTÃO JUSTA

I

Em rigor, nada há de original na vida dos povos. Com o aparecimento do homem no mundo, surgiram as necessidades de ordem geral. A continuidade da vida estabeleceu então o conceito de uma norma social que, através do tempo e do espaço, veio se renovando, de acôrdo com o grau de evolução que se operava no seio da família humana. Cada grupo dessa família cresceu e se desenvolveu à medida que cresciam as suas necessidades e se desenvolviam as suas faculdades intelectivas. Com a dispersão, ou melhor, com a migração dêsses grupos, que se verificava, a miúdo, por várias causas, deu-se por assim dizer, o extravasamento da cultura. Cada grupo levava consigo o **conhecimento** adquirido no convívio dos seus, transplantando, dêste modo, desde o alvorecer da idade humana, para todos os pontos da terra, aquilo que nós chamamos **civilização**.

II

Originário da Ásia, o homem nunca parou de andar. Varou todos os continentes. Cruzou todos os mares. E sempre ávido de novos conhecimentos, de novas aventuras, por onde passava ia

deixando, sem o querer, um traço luminoso de sua sabedoria. Aqui, era o polimento de uma pedra. Ali, o estilo grotesco de cerâmica; a intuição rudimentar do som; o ensaio coreográfico; a organização de clãs; a criação de deuses familiares; a instituição de práticas religiosas e morais; os códigos; as leis. Depois, a lenda, a tradição oral, conservando de século a século a história de sua peregrinação sobre a terra.

As lendas, escreve BARBOSA RODRIGUES, entre todos os povos são a tradição viva do pensamento primitivo e do desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem. E anota: "Entre as lendas que ouvi no Amazonas, existe a que se refere a uma serra próxima à vila de Monte-Alegre, e que me foi narrada na povoação do Ereré. Esta lenda tem alguma analogia com a das *Lamniadas* encontradas por Jason, quando ia, por ordem de Polias, comandando Argonauta à conquista do bezerro do toção de ouro. O velho Poas, pai de Hipsipílis, a rainha dos Lemnos, é, na lenda brasileira, o *Pahy-tuna*, assim como o *Pahy-tunaré* parece ser o jason amazonense.

Partilha da mesma opinião OSCAR MOBILINS, ensinando que "os contos mais apreciados pelo povo transmigram de uma terra para outra, conservando, com tenacidade admirável, seus traços gerais através de tôdas as mudanças do tempo, do espaço e do idioma. Assim, muitos temas novelísticos que se contam hoje em línguas européias, têm sido retraçados até a Índia, onde foram apontados em coleções dos primeiros séculos da era cristã, como o *Pantchatantra*, e alguns dentre eles incontestavelmente devem a origem às crenças mitológicas de tempos mais primitivos ainda".

I I I

Não fazemos, portanto, mais do que continuar, dentro da relatividade do tempo e do espaço, e obedecendo ao império absoluto da evolução gradativa da ciência, o trabalho das gerações, que nos antecederam, porque a vida é continuidade, imu-

tável e eterna, de tudo que se agita, há milênios, no seio do Universo.

Mesmo no domínio da fantasia, da obra de ficção, o pensamento humano não se afasta dessa linha de afinidade. Uma espécie de sedimentação espiritual.

O que nos tempos remotos foi apenas imaginação, como a lenda de Ícaro, hoje é esplêndida realidade: aí está o progresso assombroso da aviação.

Nos contos da Carochinha havia um herói que, de muito longe, com um sôpro de suas narinas fazia mover um catavento, a milhares de léguas de distância. Através do rádio, ouvimos, da mais longínqua parte do planêta, a voz de um cantor, a palavra de um estadista, que se exhibe e fala de um estúdio ou de uma tribuna de Paris, de Nova-Iorque, de Londres, do Rio de Janeiro, de Pekim...

E a história do Dragão ou Serpente, que vomitava pólvora envenenada, destruindo cidades inteiras? Do **pó encantado** que, desfazendo-se no ar, formava uma cortina de fumaça, deixando para trás o perseguidor do jovem personagem, protegido pela Fada. Tôda esta deliciosa literatura que nos deleitava, nas serenatas infantis, deixou o domínio da fantasia para se transformar na trágica realidade dos nossos dias. Que são os gases asfixiantes? A guerra bacteriológica, com projeção de ondas de micróbios, senão o trabalho paciente de laboratórios, tirando do **pó encantado** os elementos químicos para o preparo dos gases destruidores. Não haverá, porventura, uma triste analogia entre as bombas voadoras destruindo, em poucos minutos, o trabalho acumulado de séculos, e a Serpente que vomitava pólvora envenenada?

De tudo isto se conclui que o **Folk-lore** não é mais do que a história da própria humanidade, contada e repetida, de povo a povo, através dos seus instrumentos de ligação e continuidade, instrumentos êsses que se operam pela migração dos povos. É bem verdade que o **Folk-lore** não deixa de ter o seu traço puramente fisionômico, a sua côr local, as suas modalidades psicoló-

gicas. Claro que sim. É uma singularidade característica da personalidade de cada grupo humano. Afinidade não quer dizer igualdade, cópia, emulação. Ao contrário, significa parentesco, filiação, semelhança.

Exemplifiquemos. No romance "Iracema", de José de Alencar, fazendo alusão à lenda da lagoa de Porangaba, assim se externa: "Perto havia uma formosa lagoa no meio da verde campina. Para lá volvia a selvagem (refere-se a Iracema) o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs. Os guerreiros pitiguares, que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa **Porangaba**, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça Tupã. E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas águas da Porangaba, **que tinha a virtude de dar formosura às virgens e fazê-las amadas pelos guerreiros**".

O professor Álvaro Salgado, em seus comentários, subordinados ao título "Curiosidades históricas", publicou em "A Noite Ilustrada", uma nota em que diz o seguinte: — "Pensava-se antigamente que a fonte da Carioca, no Rio de Janeiro, **tinha a tríplice virtude de conservar a saúde, de tornar a voz doce e de fazer mais claras as mulheres**. Ter-se-ia, portanto, construído o Aqueduto dos Arcos, no século... XVIII, para facilitar sua água a todos".

Aí está, sem tirar nem por, toda a encantadora lenda dos índios Pitiguares vivendo na mentalidade simplória do carioca do século dezoito...

NINA RODRIGUES, tratando da origem africana do conto "a menina dos brincos de ouro", diz: "ELLIS refere que esse conto em que a tartaruga consegue violar uma moça que tinha até então recusado tôdas as propostas de casamento, obrigando-a, assim, a aceitá-la por espôsa, tem uma versão inglesa e americana equivalente, mas em que o violador é, não a tartaruga, mas um torto ou aleijado". O conto inglês, prossegue, "pode perfeitamente ter sido originário da África, apesar das modifi-

cações que sofreu com a transplantação. A Inglaterra, nação antiga e altamente colonizadora, está neste particular nas condições de Portugal, que, como observa Sílvio Romero, bem pode ter recebido da África grande número dos seus contos populares.

É que o homem, bugre ou civilizado, de qualquer côr e de qualquer latitude, é o mesmo ser, cheio das mesmas aspirações e dos mesmos sonhos: crédulo, imaginoso, sentimental.

* * *

CIRANDAS

Se a vida começa na mesa, como ensinam os nutricionistas, o folclore começa no berço, com os primeiros vagidos da criança. Tôda mãe embala o filhinho cantarolando toadas acariciantes, acompanhadas de uma melodia dolente, findando cada estrofe com um som que parece gemido, lembrando a letra U do nosso alfabeto, pronunciada de modo grave e prolongado:

*Dorme, filhinho,
Tenho muito que fazer
Lavar e engomar
Camisinha pra você.
U... U... U...
U... U... U...*

*Dorme, dorme, meu filhinho
É noite, papai já veio
Teu maninho também dorme
Embalado no meu seio.
U... U... U...
U... U... U...*

*Desce gatinho
Lá de cima do telhado
Para ver se meu filhinho
Dorme um sono sossegado.
U... U... U...
U... U... U...*

Cantigas vindas de longe, adormecidas no subconsciente dos primeiros homens que povoaram o mundo.

Do lusitano e do africano, que primeiro aportaram às nossas plagas, de mistura com o nativo, herdamos, cousa repetida, aliás, êsse sentimentalismo ardente, contagiante, fascinador e romântico, que comunica ao nosso folc-lore, é a nossa poesia popular a vivacidade, a graça, a impetuosidade, o cavalheirismo e uma dolente, morna, sensual musicalidade.

A história do bicho e do negro velho, que carregam menino chorão e desobediente; da paralisia da língua, que o menino, num momento de raiva, estira para os pais; do caapora, caboclinho, de cabelo de espeta-caju, que anda pelo mato, noite alta, pedindo fumo para mascar; da pessoa que come barro e vira lobis-homem; da mulher que namora com padre e vira burra-de-padre, nas noites de quinta para sexta-feira; da bruxa, ou feitiçeira que engorda criança para comer; de fadas que transformam as pessoas em cousas inanimadas; tôda essa literatura de ameaça, de assombração, de encantamento constitui os primeiros ensinamentos de folc-lore, que se ministram às crianças de todos os quadrantes do mundo, ao embalo da rêde de algodão ou de tucum ou ao balanço do berço adornado de colchões macios e delicados. Variam apenas as personagens das ficções. A idéia matriz, fundamental é a mesma, conservando-se inalterável, através do tempo e do espaço.

Passada essa primeira fase de existência, entra a criança a encantar-se com as cousas da vida. A compreender o bom e a sentir o belo. No Nordeste do Brasil, por exemplo, a ciranda toma conta do seu gosto estético. E ei-la a cantar nas rodas de calçada:

*Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar.*

E a seguir, a tão conhecida DONA SANCHÁ:

*Senhora Dona Sancha
Coberta de ouro e prata
Descubra seu rosto
Que queremos ver-lhe a cara.*

*Que anjos são êstes
Que andam guerreando
De noite e de dia.
Padre-Nosso, Ave-Maria.
Somos filhos do Rei
Somos netos da Rainha
O Senhor Rei mandou dizer
Que escondessem na pedrinha.*

Aqui se nota a influência bíblica. A história da rebelião dos anjos no Paraíso, mesmo porque o assunto desta ciranda não se relaciona com os usos e costumes, porventura tradicionais do nosso povo. Sômente a Bíblia faz menção de anjos maus, que teriam se rebelado contra as determinações do Senhor. E como o trovador, o narrador de contos e de fábulas e o cantador procuravam, como ainda hoje procuram nos fundamentos da história sagrada, certos motivos para as suas criações estéticas, é bem possível que o autor de Dona Sancha tenha encontrado no temário bíblico a inspiração para a sua ciranda. Foi na Bíblia que Luís de Camões se inspirou para cinzelar o seu imortal soneto: "Sete anos de Pastor Jacó servia..." Corre mundo uma quadrinha singela, porém admirável pelo seu profundo conceito filosófico, em que é comentado, de modo insofismável e encantador, um dos dogmas da religião católica, sôbre a virgindade de Maria, no ato da concepção, que diz assim:

*No ventre da Virgem Pura
Entrou a Divina Graça
Como entrou, também saiu
Como o sol pela vidraça.*

Os livros santos sempre inspiraram trovadores e poetas e ainda hoje os nossos cantadores fazem menção, sempre que oportuno, das cousas sagradas.

É bem sensível a influência francesa na formação da nossa vida literária.

A ciranda eu sou pobre, pobre, demavé, mavé, mavé ouvese ainda, de bairro em bairro, enchendo de alegria os folguedos infantis.

A roda é formada da seguinte forma: dois grupos de meninas se infileiram, como nos volteios dos lanceiros, abrindo-se em alas.

De um lado estão os pobres, de outro as ricas. Cantam as pobres:

*Eu sou pobre, pobre, pobre,
Demavé, mavé, mavé,
Eu sou pobre, pobre, pobre,
Demavé, decê.*

Do lado das ricas:

*Eu sou rica, rica, rica,
Demavé, mavé, mavé,
Eu sou rica, rica, rica,
Demavé, decê.*

Depois dêste intróito, cantam do lado das ricas:

*Quero uma de vossas filhas
Demavé, mavé, mavé,
Quero uma de vossas filhas
Demavé, decê.*

*Escolhei a que quiser
Demavé, mavé, mavé,
Escolhei a que quiser
Demavé, decê.*

*Eu quero a Arturieta
Demavé, mavé, mavé,
Eu quero a Arturieta
Demavé, decê.*

Indagam as pobres:

*Que ofício dará a ela,
Demavé, mavé, mavé,
Que ofício dará a ela,
Demavé, decê.*

Respondem as ricas:

*Dou ofício de costureira,
Demavé, mavé, mavé,
Dou ofício de costureira,
Demavé, decê.*

Retrucam as pobres:

*Este ofício não me serve
Demavé, mavé, mavé,
Este ofício não me serve
Demavé, decê.*

Se o ofício agrada, a resposta é:

*Este ofício me agrada
Demavé, mavé, mavé,
Este ofício me agrada
Demavé, decê.*

A profissão sugerida varia muito. É costureira, chapeleira, musicista, engomadeira, etc. Tôda vez que um ofício é aceito, a figurante do lado pobre passa para o lado das ricas, repetindo-se as cenas até que tôdas as meninas se coloquem de um só lado, terminando aí a ciranda, cantando tôdas as meninas as seguintes quadras:

*Eu, de pobre fiquei rica
Demavé, mavé, mavé,
Eu, de pobre fiquei rica
Demavé, decê.*

*Eu, de rica fiquei pobre
Demavé, mavé, mavé,
Eu, de rica fiquei pobre
Demavé, decê (1).*

(1) Demavé é uma corrutela da ciranda francesa, que diz assim:

*Je suis pauvre, pauvre, pauvre,
Je m'en vais, m'en vais, m'en vais.
Je suis pauvre, pauvre, pauvre,
Je m'en vais d'ici.*

Je suis riche, riche, etc.

Cuja tradução, em português, deu o seguinte:

*Eu sou pobre, pobre, pobre,
Eu me vou, me vou, me vou,
Eu sou pobre, pobre, pobre,
Eu me vou daqui.*

Mal acostumada à pronúncia francesa, a criança brasileira ouviu soar, nos folguedos infantis, a palavra **Demavé**, em vez de **Jêmanvé**. O mesmo fenômeno prosódico se observa no final do verso. Assim, em vez de — **Jêmanvé dici**, **Demavé decê**. A conclusão a que chegamos é esta. Cada grupo de crianças, que cantava a ciranda, ia, sem o que-

A cantiga da viúvinha desejosa de encontrar novo marido
é bem saltitante:

*Viúvinha das matas além
Quer se casar
Mas não acha com quem.
Não é com você
Não é com ninguém
É com certo mocinho
Que ela quer bem.*

E a sátira contra a formiguinha:

*Formiguinha da roça
Endoideceu
De uma dor de cabeça
Que lhe deu.
Aperta, aperta, formiguinha.
Põe as mãos nas cadeiras
E faz assim,
Assim, assim.*

Tôdas as meninas levam as mãos à cintura, jogando de um
lado para outro os quadris, em meio das mais francas garga-
lhadas.

Temos também a dança da carrapeta:

*A dança da carrapeta
É uma dança singular
Que põe o joelho em terra
Que faz o amor chorar.*

(Côro)

*Menina levanta o pé
Menina levanta o braço
Menina levanta a saia
Menina me dá um abraço.*

rer, desfigurando o sentido das palavras à medida que o som lhe feria
o ouvido, de tal modo que o d'íci (daqui) se transformou em decê, sem
relação alguma com o motivo da ciranda. Aconteceu com a cantiga
francesa o mesmo com o nosso — que é de ou que de, que também se
transformou em CADE.

De mãos dadas, os componentes desta cantiga, à proporção que vão cantando e rodando, se ajoelham rapidamente, e depois se levantam com a mesma agilidade, de tal modo que não perdem o ritmo da dança.

Agora, é uma história sentimental de amor. Volteando e cantando, o cordão de meninas enche todo o quarteirão de um encantamento comovedor:

*Você gosta de mim
Ai Maria!
E eu também de você
Ai Maria!
Vou pedir ao seu pai
Ai Maria!
Para me casar com você
Ai Maria!
Palma, palma, palma
Ai Maria!
Pé, pé, pé,
Ai Maria!
Roda, roda, roda
Ai Maria!
E abraça quem quiser
Ai Maria!*

*Se ela disser que sim
Ai Maria!
Tratarei dos papéis
Ai Maria!
Se ele disser que não
Ai Maria!
Morrerei de paixão
Ai Maria!*

Palma, palma, palma, etc.

Ainda sobre o tema sentimental do casamento temos estas expressivas estrofes:

*Debaixo do laranjal
Encontrei bela menina
Apanhando brancas flôres
Brancas flôres pra me dar.*

cepção, que diz assim:

*Como está o cravo branco
Perto do cravo encarnado.
Como está a Luisinha
Perto do seu namorado.*

(Côro)

*Flôres brancas é casamento
Luisinha quer casar
Luisinha deixe disso,
Deixe disso, olha lá.*

As meninas vão rodando e repetindo o nome de cada componente do cordão.

Não foi esquecido o lado social.

As crianças cantam, fazendo alusão ao trabalho dos que lutam pela vida. Assim temos:

*Pela ponta das agulhas
Todo mundo passa
A engomadeira faz assim
TRA-LA', LA', LA', LA'...*

As meninas juntam as mãos e fazem o gesto de quem está engomando.

Esta cena se repete muitas vezes, referindo-se às profissões de lavadeiras, carpinteiros, sapateiros, etc.

Por sua vez, o assunto praieiro não escapou à ciranda. O movimento de embarques e desembarques, ao longo de pontes e de cais, ocasiona grande confusão no meio dos passageiros. Uns procuram subir, outros descer, ao mesmo tempo. Todos preocupados com as pessoas da família e respectivas bagagens.

Esta ciranda reflete um flagrante dêsse aspecto quotidiano. E com que ternura as meninas cantam estas estrofes emba-ladoras:

*Quase que perco o baú
perco o baú.
Quase que não tomo pé
Não tomo pé
Por causa do remador
Do remador*

*Que remou contra a maré
Contra a maré.
Feliz mamãe
Tenha compaixão
De sua filhinha
De seu doce coração.*

*Quando eu cheguei na ponte
Cheguei na ponte
Perguntei quem me salvou
Quem me salvou
Respondêu um navegante
Foi quem me desembarcou
desembarcou.*

De quando em quando aparece um rei ou uma princesa no meio dos brinquedos infantis. A história do limão está ligada a uma princesa que aparece no fim. Vejamos:

*O limão anda na roda
Ele anda de mão em mão
O limão!
Ele vai, ele vem,
Ele aqui não chegou
No meio do caminho
A princesa tomou.*

Os cabelos louros impressionam profundamente. Tôda a cidade se abala quando a lourinha passa:

*Os cabelos de Maria
São louros e cacheados
Quando ela passa o pente
Abala tôda a cidade.
No meio de tantas flôres
Não sei qual escolherei.
Aquele que fôr mais bela
Com ela me abraçarei.*

Numa roda brincando, meninos e meninas. Cantam as meninas e então o menino que está no centro beija uma das suas preferidas e é logo substituído por outro.

Temos:

Teresinha de Jesus que diz assim:

*Teresinha de Jesus
Deu uma queda e foi ao chão.
Acudiram três cavalheiros
Cada qual chapéu na mão.*

*O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que Teresa deu a mão.*

*Quanta laranja madura
Quanto limão pelo chão
Quanto sangue derramado
Dentro do meu coração.*

*A laranja de madura
Caiu n'água foi ao fundo.
Os peixinhos responderam
Viva Dom Pedro Segundo.*

O siriri é objeto de motejo. Alguma crítica talvez assacada
contra algum paspalhão:

*Vem cá, siriri
Vem cá, siriri
As meninas te chamam
Tu não queres vir.*

*Eu não vou lá não,
Eu não vou lá não,
Eu peço uma esmola
Vocês não me dão.*

*Lá se vem o pobre cego
Pelo seu caminho
Aproveita o piano
Mais um bocadinho.*

*Dona Maria
De mim tenha dó,
Aqui vou devagarinho
Com uma perna só.*

Ficará sozinha conta a história amorosa da senhora Amélia.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*Senhora Amélia
Tão engraçadinha
Entrará na roda
E ficará sôzinha.*

*Sôzinha eu não fico
Nem hei-de ficar
Por que o Zezinho (aqui variam os nomes)
Há-de ser meu par.*

*Se esta casa fôsse minha
Eu mandava ladrilhar
Com pedras de diamante
Para meu bem passear.*

A brincadeira da "Lagarta Pintada" é bem engraçada. Em roda, grupos de meninas cantam:

*Lagarta pintada
Quem foi que pintou
Foi uma velhinha
Que por aqui passou.*

*No tempo do Onça
Fazia poeira.
Puxa lagarta
Na tua orelha.*

Saem então as meninas puxando as orelhas umas das outras. O Carneirinho, carneirão diz assim:

*Carneirinho
Carneirão
Neirão,
Neirão,
Olha pro céu
Olha pro chão
Neirão,
Neirão,
Pede a Deus Nosso Senhor
Para nós ajoelhar.*

Tôdas as meninas se ajoelham. Depois cantam novamente e na última estrofe:

*Pede a Deus Nosso Senhor
Para nós se levantar.*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

E todos se levantam. É uma ciranda um tanto monótona, sem movimento e sem graça.

O Dominé é mais expressivo. É mais humano. Gira em torno do amor. O amor que é a razão de tudo que existe de belo e de eterno na vida. Daí, decerto, o entono delicioso com que as garôtas, nos passeios de suas residências ou no meio das ruas, cantam o Dominé:

*Por esta rua
Dominé
Passou meu bem
Dominé
Será por mim
Dominé
Ou por alguém
Dominé.*

(Côro)

*Ponha aqui, ponha aqui
O seu pèzinho
Bem aqui, bem aqui
Juntinho do meu
Ao tirar, ao tirar
O seu pèzinho
Um abraço e um beijinho
Te dou eu.*

*O passarinho
Dominé
Caiu no laço
Dominé
Dá um beijinho
Dominé
Apertado abraço
Dominé.*

*Olhe a rolinha
Doce, doce
Ela voou
Doce, doce
Caiu no laço
Doce, doce
Embaraçou-se.*

Faz-se uma roda e pelo lado de fora uma menina canta a primeira estrofe e o côro responde: Dominé. Depois a menina escolhe, com um abraço, uma outra componente da roda, até que tôdas se coloquem do lado de fora, terminando aí o folguedo.

Nota-se nesta cantiga a influência latina. Pelo menos a repetição dêsse vocábulo — Dominé, em quase todos os versos revela, não há dúvida, o latinismo de sua origem. A alusão à rolinha e ao passarinho faz lembrar também o culto do Divino Espírito Santo, instituído pela Igreja Católica, o qual é simbolizado por uma **pombinha**. Corre, a êsse respeito, uma anedota muito chistosa. Um inglês desembarcou em nosso país, no período da Semana Santa. Acompanhado de amigos brasileiros, assistiu a tôdas as solenidades religiosas, que se realizam nos templos católicos, inclusive as procissões, que se fazem pelas principais ruas da cidade, com muita devoção e grande afluência de fiéis. O inglês indagou de tudo e quis conhecer, em seus minuciosos detalhes, certos símbolos do culto católico, surpreendendo-o o do Divino Espírito Santo, representado como já dissemos, por uma pombinha.

Terminadas as festividades, o súdito de Sua Majestade Britânica e os seus amigos se dirigiram ao hotel, pois a hora da refeição já havia soado. À mesa, cada qual pediu o seu prato predileto. O inglês ficou silencioso, olhando o cardápio. Os amigos insistiram para que pedisse qualquer cousa. Então, desejando saborear um **borracho assado**, e não sabendo expressar-se em português, pediu ao garção, pensando no que tinha visto na procissão:

— Mim quer uma Divina Espírita Santa assada!

Quem sabe se o temário de Dominé não se inspirou no símbolo do culto católico!

BRINQUEDOS INFANTIS

Além das cirandas, os meninos se divertem, nas noites enluaradas, ou mesmo de escuro, brincando de soldado, de manja, de bôca-de-forno, de pau-de-ferro, ou então contando histórias de Trancoso, sentados, em roda das calçadas.

Brincar de soldado foi sempre um traço predominante nos folguedos, entre as crianças nordestinas. Grupos de meninos, armados de pau, de facão feito de arco de barril, tocando corneta com a bôca ou assobiando, lá se iam pelas ruas, marchando, marchando, com imponência marcial, chamando a atenção das meninas e mesmo das pessoas grandes...

* * *

O brinquedo da manja é muito apreciado. Escolhido por sorte o manjeiro, êste vai para um lugar qualquer, enquanto os outros se escondem por tôda a parte; uns, nas esquinas distantes, outros nas cêrcas cobertas de melão São Caetano, ainda outros trepados nas árvores. A um dado sinal, ouve-se o grito: "Ê jouto!" Então o manjeiro sai do esconderijo e vai à procura dos companheiros. O que fôr alcançado será o manjeiro da vez seguinte. A brincadeira reveste-se de lances empolgantes. Em carreiras desabaladas os meninos negaceiam, pulam de um lado para outro, iludem a vigilância do manjeiro, volteiam, constituindo-se a prova uma verdadeira demonstração física de agilidade, de tática, de inteligência.

* * *

O bôca-de-forno começa assim. Reúnem-se os meninos em torno de um companheiro, designado por todos para gritar:

Bôca-de-forno
Todos repetem: Forno.
Tirando bôlo
Todos repetem: Bôlo
remando, remando
Quem fôr buscar uma peãra.

Cada menino corre e vai atrás de uma pedra ou outro qualquer objeto indicado pelo bôca-de-forno.

Conta-se que um cidadão ardiloso conseguiu reformar sua própria casa à custa do bôca-de-forno. É que perto de sua residência um mestre-de-obras fêz, na rua, grande depósito de material de construção. À noite, convidava a meninada para brincar o bôca-de-forno, e êle mesmo orientava:

Bôca-de-forno
Forno!

Remando, remando, quem fôr buscar um tijolo; um bocado de barro; um bocado de cal; uma telha; e assim, neste diapasão, noites seguidas, os meninos na sua santa ingenuidade, desviaram grande parte do material, em proveito do referido inescrupuloso cidadão.

* * *

A brincadeira do pau-de-ferro é bastante interessante. Oito ou dez meninos, com os braços cruzados e ligados uns aos outros, fazem uma roda, tendo no meio desta um companheiro, que procura libertar-se, a todo custo, do círculo humano. Então bate num dos braços e pergunta: "Que pau é êste? Respondem: É pau-de-ferro". Torna a perguntar: "Que pau é êste? Respondem: É pau-de-ferro". Torna a perguntar: "Que pau é êste? E a mesma resposta se faz ouvir: "É maçaranduba"; "É jucá"; "É sabiá". E o prisioneiro, então, tenta romper o cêrco, a trôco de golpes vibrados contra os braços dos companheiros, ora com os punhos fechados, ora com o movimento do corpo. Se consegue abrir uma brecha, a luta prossegue no sentido de reconduzi-lo à prisão.

* * *

O divertimento dos quatro-cantos consiste no seguinte: os meninos se dividem em dois grupos e se colocam distanciados da zona da brincadeira. A um dado sinal, os meninos de cada grupo avançam, em carreiras doidas, desabaladas, procurando vencer os concorrentes, afim de chegarem em primeiro lugar nos quatro-cantos. Esta prova requer agilidade, inteligência, golpe de vista e muita resistência. Terminando o torneio, os vencedores são aclamados e admirados por todos os companheiros.

* * *

O jogo do amarelo era praticado nas calçadas. Riscava-se com tijolo branco o quadro organizado com 10 números, isto é, de 1 a 10, tendo no alto o Céu, no meio o Inferno e em baixo os números. O traçado era feito com os números dispostos em linha perpendicular, assim: 1,2,3,4,5, de um lado. Do outro 6,7,8, 9 e 10. Às vèzes, era riscado do seguinte modo: 1 em baixo, em cima: do lado esquerdo, 2, do direito 3; depois 4 e mais em cima, do lado esquerdo 5, do direito 6; depois 7, mais em cima, do lado esquerdo 8, do direito 9. A seguir, o Inferno e o Céu.

Uma pelota pequena e achatada, feita do caco de telha ou de castanha de caju, atirada pelo menino e por êste retirada com um pé, num admirável equilíbrio, saltando só com uma perna por sôbre os números, sem tocar nas linhas divisionárias do traçado. Depois que o menino atirava a peteca sôbre os números e a retirava novamente com todo o cuidado e perícia, ganhava o jogo. Porém, se numa dessas jogadas a pelota caía no círculo do Inferno, o menino perdia os pontos e recomeçava o jogo.

* * *

O brinquedo da "Prisão do Carneirinho" é bem engraçado. Um grupo de meninas se coloca em meio círculo, enquanto uma

delas, fazendo o papel de carneirinho, se aproxima do meio círculo. Elas então chamam o Carneirinho:

*Carneirinho, carneirinho,
Quer queijo,
Sopa, pão-de-ló,
Doce, canjica...*

O Carneirinho dá um passo à frente. Quando, porém, lhe oferecem comidas desagradáveis, ele recua. Até que, descuidado, penetra no círculo e é prêso. Tenta sair, rompe o cerco e as meninas correm atrás dele. E a que ele pega vai ser Carneirinho.

* * *

O Canivitim é assim: meninos e meninas estiram as mãos na calçada. Escolhido o que deve dirigir a brincadeira, o que é sempre feito por meio de palavras sacramentais, começa, beliscando as mãos, dizendo:

*Canivitim
De trinta e um
Passou pela porta
De vinte e um
Minguou, minguou
Sua mão está fôrra.*

O menino retira a mão e coloca-a debaixo das axilas (sovaco). E sai do brinquedo. E quando tôdas as mãos são forras, termina o brinquedo.

* * *

A dona da calçada é um brinquedo cansativo. As meninas se reúnem para escolher a dona da calçada, a qual corre de um lado para outro, enxotando as meninas que sobem o passeio. As palavras sacramentais para a escolha da dona da calçada são as seguintes:

*Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu
Mor... reu*

A menina diz isso, acompanhando com a mão, de modo que onde a palavra reu terminar será a menina escolhida.

Existem outras palavras sacramentais, como estas:

*Unidum
Nitê
Salamê
Minguê
Um sorvete
Colorê
Unidum
Nitê*

*Meu compadre Mané Chico
Bote culpa no seu filho
Que passou por minha casa
E arrancou um pé de milho*

*Sabão
Sabonete
Quer ver
Tire êste.*

*Você tem uma bonequinha?
Tenho
Ela é loura e engraadinha?
É
Quantos anos ela tem?
Tantos... (6 ou 8...)*

Então, contam-se os números, acompanhados das palavras sacramentais, até excluir a última menina, a qual será escolhida a Dona da calçada, ou outra brincadeira qualquer, como o Bôca-de-Forno, Manja, Pau-de-Ferro, etc.

Bons tempos aquêles! A vida corria fàcilmente. A humanidade vivia o período mais romântico e encantador de sua existência. Mesmo no decorrer da 1ª. grande guerra (1914-1918), a transformação de ordem geral por que passou o mundo não pe-

netrou tão fundo o campo social do agregado humano. Só depois de 1939, com a guerra vertical, é que a civilização contemporânea entrou no seu período de agonia, no seu comêço de desintegração. Daí a necessidade imperiosa de se recolher e arquivar, sob pena de perder-se, o que de melhor ficou da tradição de nossa gente, isto é, os seus costumes, suas lendas, sua música, seus cantos, as cirandas, enfim todo êsse lastro folclórico que caracteriza os fundamentos da história de um povo.

* * *

IMPROVISADORES

A facilidade espantosa com que os bardos sertanejos improvisam versos e rebatem, ao mesmo tempo, as investivas dos adversários, nas justas de desafio, ao pé da viola, nas alpendradas das casas de campo ou nos terraços das choupanas, constitui o traço característico do verdadeiro cantador.

Cantador que não replica à altura do ataque ou gagueja na demora da resposta, perde o **diploma de cantador**, na expressão singela de João Faustino, por alcunha "Serrador", e que segundo Leonardo Mota, assim revelou o seu assentamento de batismo:

*Na pia tomei um nome
Muito bom de soletrar
Tem um til e tem um j,
Tem dois o e tem um a.*

O meu amigo Capuchu, grande leitor e conhecedor da vida dos cantadores, referindo-se ao repentista Luís Dantas Quesado (Luísinho, como era chamado na intimidade), contou-me que o Coronel Justino Bezerra, de Cajazeiras, da Paraíba, possuía naquele Município, as fazendas "Guariba" e "Penha", separadas uma da outra apenas por uma légua de distância. Era hábito do Coronel visitá-las semanalmente. Luísinho vivia nas redon-

dezas do Município e vez por outra se encontrava com o fazendeiro, de quem era velho amigo. Certa ocasião, o Coronel Justino, perante várias pessoas, deu a Luís Dantas, para ser glosado, o tema: "Poeta chapéu da égua", em alusão ao velho chapéu do conhecido cantador. Luís Dantas não se fez esperar. Quando o Coronel fechou a boca, o improviso brotou:

*Você mandou eu glosar
Pensando que eu não sabia,
Mas deixe estar que um dia
Eu glosa pra lhe mostrar
Não sabendo improvisar,
A você eu peço trégua.
No espaço de uma légua,
Do "Guariba" para o "Penha",
Procure que talvez tenha
"Poeta chapéu de égua".*

Outro improvisador admirável era Terto Alves, natural da cidade de Pombal. Boêmio incorrigível, não deixava a bebida.

Muito doente, desenganado pelos médicos, já no fim da vida, foi surpreendido pela sua veneranda genitora e por esta admoestado, quando levava o copo à boca. E com o copo na mão, olhou a velhinha e o improviso lhe saiu de súbito, numa dolorosa confissão fatalista:

*Nasci pra beber no mundo
Quantidade esta não pouca.
Quando levo o copo à boca
Meu desejo é ver o fundo.*

*Sou "canista" sem segundo,
Bebo mais que tôda gente.
Se o veneno da serpente
Fôsse cachaça com sobra
Eu desejava ser cobra
Tanto gosto de aguardente.*

Silvestre Rodrigues e Cazuza Barbosa, dois exímios cantadores, se encontravam, duma feita, numa animada feira, no interior da Paraíba.

Sem dinheiro para comprar e sem nada para vender, além da viola levavam apenas a esperança de arranjar alguma coisa para a jornada do dia. E neste vago esperar, Silvestre Rodrigues pega da viola e conta as suas desditas e as do companheiro, ali mesmo na feira, no seguinte improviso, cuja copia devo à gentileza do saudoso Coronel Vicente Carneiro, que por muito tempo foi comerciante em Fortaleza:

*Chega o dia da feira
Eu ando à toa banzando,
Com uns e outros falando
Sem um vintém na algibeira.
Vendo-me desta maneira
Entro comigo a dizer
Eu não tenho o que vender
Para comprar um bocado,
Ai de mim, pobre coitado,
Só Deus me pode valer.*

*Cazuza, meu companheiro,
Que se vê do mesmo estado
Também se acha, coitado
Sem abrigo e sem dinheiro.
Vem à feira só pra ver,
Anda, travessa, encruza,
Eu unido com Cazuza
Só Deus nos pode valer.*

Encerrando êstes ligeiros comentários, quero registrar dois improvisos de Lourival e Dimas Batista, irmãos de Otacílio Batista, também repentista, formando os três, dêste modo, uma família de cantadores.

Certa vez, perante grande número de famílias e de militares, cantava Lourival Batista, quando no momento em que se fazia uma coleta, um terceiro sargento colocou na bandeja duas notas de dez cruzeiros.

Lourival repinica a viola e agradece a generosidade do jovem militar com esta expressiva sextilha:

*As notas dêste sargento
Eu gostei de recebê-las*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*Deus queira que estas três fitas
Se transformem em três estrêlas,
Dos braços subam pros ombros
E eu seja vivo pra vê-las.*

De outra feita, êle e seu irmão Dimas, num animado desafio, improvisaram êste gracioso "Moirão de Sete":

- LOURIVAL: — *Duma graça eu faço um riso,
Dum riso faço uma graça.*
DUMAS: — *E da massa eu faço o pão
E do pão eu faço a massa.*
LOURIVAL: — *Mas bota a perder a peça,
Que uma barafunda dessa
Não há padeiro que faça.*